

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Silva, Paulo Brito da, 1963-

**Estou atrasado como o coelhinho da Alice**

<http://hdl.handle.net/11067/5865>

<https://doi.org/10.34628/qgxp-sz16>

## **Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	2021
<b>Tipo</b>	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T10:29:49Z com informação proveniente do Repositório

# **ESTOU ATRASADO COMO O COELHINHO DA ALICE**

**Paulo Brito da Silva**





Painel azulejos estação de metro

**Resumo:** O tempo é intensamente habitado fazendo parte do modo como estamos com a memória na arquitetura e no espaço. O tempo pode ser uma escolha, uma situação, uma pertença a uma envolvente ou uma cultura. No tempo também estamos integrados no perpétuo movimento dos astros e na estrutura do Universo em que o tempo é luz. O tempo como movimento ou luz também se repercute na passagem dos anos, na natureza das estações, dos dias, luz e movimento solar em nós, no corpo e na arquitetura.

**I'm late like Alice's rabbit**

Time is something intensely dwelled taking part in the way we are with memory in architecture and space. Time may be a choice, a situation, a belonging to an environment or a culture. In time we are also integrated in the perpetual movement from the stars and the structure from the Universe where time is light. Time as movement or light also has repercussion in the passage of the years, in mature from seasons, the days, light and sun movement in us, body and architecture.

1. Diz Sofia no poema “*onde livres habitamos a substancia do tempo*”. Mostrando que tal como o espaço o tempo é intensamente habitado, e é coisa-substancia experimentável. Não um simples e interminável fluir linear no batimento certo de um relógio. Podendo parecer apenas uma imagem poética, na realidade os homens habitam com o tempo e no tempo. O tempo é algo profundamente habitado e o habitar é poético.

O tempo pode ser um lugar, com meridiano, e a poetiza viveu na Grécia do mar intensamente azul sob o Sol, dos heróis e dos deuses. Na nossa experiência interior de tempo no espaço fomos e carregamos o passado, o presente e futuro. Habitamo-lo poeticamente. Somos no e com o passado em cada instante do presente projetando-o no futuro. Ou transformando-o em ideal ou sonho. O espírito do tempo futuro é semente, transmissão e esperança.

Habitamo-lo livremente no sentido em que todos os dias tomamos a opção de pertencer ao tempo e de o cumprir. Porque o tempo também é uma escolha, em que permanentemente se corre segundo as suas opções e ritmo. E é na música que o tempo se confunde com o espaço, misturando a matéria do som (vibração) com a matéria do tempo. Tal como certa vez disse Mozart: “*tão importante como as notas é o espaço entre elas*”. Onde tempo, vibração e matemática se encontram segundo a natureza.

2. Medimo-nos em tempo com os anos que temos, ou os anos que passamos. Com ciclos que se repetem de forma igual e de modo diferente. Porque ao contrário do espaço, não há palimpsesto, que resulta precisamente do curso do tempo sobre o espaço ou na matéria das coisas. No mesmo espaço as ações sucedem-se na nossa percepção linear. A experiência da arquitetura enquanto cinemática é movimento-corpo-luz-tempo. Sobrepondo-se ao longo do tempo no mesmo sítio. Não podemos escrever por cima mas não voltar atrás e mudar, a não ser pela reescrita da história. Donde quase todos os espaços resultam do acumular e sobreposição das construções humanas ao longo do tempo. E poucos sítios existem que não tenham sido marcados pelo homem ou esculpidos pelo tempo, referenciado por Yourcenar como “*esse grande escultor*”.

3. Mais do que um relógio o tempo é o contínuo movimento do Sol e dos astros no céu com movimento preciso em volta da Terra. Os relógios apenas medem essa passagem desde que deixamos de ser relógios de Sol e deixamos de viver segundo o seu ritmo. O dia é dividido em 24 horas, 12 ascendentes e doze descendentes, mais uns minutos e uns segundos. A divisão resulta do percurso solar, desde o amanhecer a Nascente, até ao auge no meio-dia a Sul, descendo depois até a Poente. A manhã e a tarde, o dia e a noite definem as quatro direções da terra, sendo o quadrado a representação da Terra desde tempos imemoriais, mas também exposto nos quatro ou oito ventos vitruvianos. É tão patente na joia arquitetónica que é a torre dos ventos em Atenas, precisamente um relógio de água e um cata-vento. Uma lindíssima e perfeita torre octogonal em mármore branco, que nos chegou da Antiguidade, Canonicamente proporcionada num círculo de 8 em planta por um círculo de 12 em altura, que reflete esta relação Grega entre o número da terra e o número do céu. As quatro direções clássicas (ainda hoje na Lisboa antiga existem as portas do Sol a nascente) simbolizam e desenhavam as polis dos humanos sob o hemisfério celeste. Quadrado e círculo.

As quatro ou oito direções que resultam do percurso aparente do Sol na Terra ainda constituem a matriz referencial da nossa leitura do território, da cartografia, da navegação ou da sofisticada geolocalização com recurso a satélites.

O Dia é dia e noite, também desde tempos ancestrais dualidade oposta e complementar – Sol e Lua. Céu claro e céu escuro com estrelas. E em tudo isto e com tudo isto habitamos a arquitetura. No movimento da luz natural direta sobre a luz refletida na atmosfera até ao crepúsculo. Com a variação das sombras e das tonalidades nos materiais, realçando ou dissolvendo brilhos texturas. Marcando as formas em tempo e luz. Segundo muitos arquitetos, e mencionarei apenas Campo Baeza, o principal (i)material da arquitetura. Mas o dia pode ter bom tempo ou mau tempo. O céu pode ser (dentro e fora de nós) tempestuoso e nublado cobrindo o chão, os vidros e as paredes de água, com o som cadenciado da chuva. Ou então limpo e luminoso, deixando o Sol entrar, aquecendo o ar e os muros. Também neste ciclo do tempo os arquitetos aprenderam a

usar a alternância entre o dia e a noite, aquecendo com o Sol e arrefecendo com perda radiativa de energia para o céu durante a noite. Equilíbrio entre Sol e céu cada vez mais essencial nos nestes tempos em que precisamos de valorizar a sustentabilidade e preservar a Terra.

4. O Sol também dividiu sabiamente o ano com as quatro estações de três meses. As estações são tempo. Pelo seu natural ciclo. Pelo modo como habitam os edifícios e pela memória com que as habitamos e que com elas habitamos a arquitetura. Em todas as estações celebro o todo inteiro do ciclo anual a natureza e não posso comemorar o Verão sem ter as outras estações presentes ao mesmo tempo. E quando digo que na Primavera a natureza renasce, só o posso dizer porque antes o Sol e a natureza se esconderam debaixo da Terra no solstício de Inverno.

Habito profundamente cada estação do ano. Nos tons frios do Inverno e os dias baixos do solstício e a natureza recolhida. As paredes frias e escuras. As sombras ténues, as texturas das paredes sumidas e as tardes curtas... o cheiro a fumo e o tempo de pousio e de preparar a Terra para semear, até à promessa do tempo do verão. E tudo se começa transformar porque no Inverno se prepara o que se semeia e floresce na Primavera, amadurece no Verão e se colhe no Outono. Um ciclo da natureza e da luz do Sol que não deixou de ser recordado nos rituais das comunidades primitivas que nos precederam e que viviam tão relacionadas com a Natureza.

As estações tornam a experiência de habitar cíclica, ao longo do movimento aparente do Sol sobre a terra. Não sabemos se habitamos a memória sintetizada do Inverno de anos passados ou a projeção dessa memória na estação que virá no próximo ciclo. Ou o modo como o passado e a expectativa do futuro enquadram e estruturam o quotidiano presente. Mas com as estações as construções apresentam-se-nos de modo diferente. Pelo céu que as rodeia em cada estação, pela luz que refletem, pela variação do contraste entre sombra e luz, pelo calor ou frio das superfícies e do ar e com que a Natureza envolve – com verdes, cores ou cinzas- cada estação. O céu tem em cada uma tonalidade e intensidade com que envolve a arquitetura.

Mas também é o aspeto de uso com que desenhamos a experiência dos que habitam. A forma como o sol ilumina e a geometria com que incide nas construções ao longo do ano. Com necessidade de desenho passivo para aquecer no Inverno e no Verão com extrema necessidade de dissipar energia para refrescar, atentos ao movimento aparente do Sol e sua variação da pelos 365 dias do ano. Mas também como convocamos todos os outros elementos da natureza – o ar, a terra, a água e o fogo – para com uma mistura específica conseguir o sábio equilíbrio da energia que proporcione o conforto ambiental em cada estação. E a forma como desenhamos a arquitetura para se comportar e proporcionar a sua experiência ao longo do ano conjugando-se com a premonição da variedade de pessoas que a podem habitar. Alguns somente com os sentidos e a memória dos sentidos (ou as diversas memórias dos sentidos) mas outros com a mesma memória comum do Inverno, Primavera, Verão e Outono.

5. A Variação da progressão do sol no espaço e na construção é aparente como sabemos desde Galileu. Fora da nossa experiência na Terra, o Sol é relativamente fixo e o nosso planeta gira em seu torno em 365 (e 1/4) dias, ou rotações sobre si mesmo, concluindo um ano.

Medimos também o tempo em anos e com isto medimo-nos e situamo-nos no infinito evoluir da harmonia das esferas, com que o homem interpretou o movimento dos astros no céu. O movimento perpétuo, que alguns quiseram acreditar como sendo a manifestação de uma ordem universal, com uma relação harmónica e geométrica. Evoluindo mecanicamente como o gigantesco relógio, mas onde o tempo se confunde com distância e se mede em anos-luz. Também nesta conjectura ou nesta ideia habitamos o tempo, porque a arquitetura é um semear dessa ideia de mundo na Terra, tal como os jardins antigos eram um reflexo do céu ou do paraíso. E assim também deste modo habitamos o tempo, que nos habita desde tempos imemoriais com as construções míticas dos nossos antepassados. E no céu construímos mitologias e o Zodíaco, com doze signos que no firmamento correspondem aos meses da Terra, por onde



deambulam os corpos celestes, numa mecânica em que acreditamos contém o tempo futuro, a sorte e destino dos homens. Das constelações trazendo signo, marcado num tempo que ocorre no curso de um astro num signo, onde nascemos. Acreditando num cosmos em que nada acontece por acaso. O que conhecemos comprovadamente pela influência do Sol e da Lua no corpo e na natureza.

O Universo precede-nos em milênios mas localiza-nos no tempo. Situamo-nos entre milênios em anos. Milhões de anos e anos luz de nebulosas e galáxias e na nossa história na Terra em milhares de anos, com que registamos e situamos o passado, o presente e o futuro. O nosso tempo são milhares de orbitas da Terra em volta do Sol, formando desde a pré-história as diversas eras Humanidade. Um ano ocorre na revolução dos planetas. Todos os anos são o movimento dos astros no céu dia e noite. Onde novamente a luz é tempo (medida anos-luz).

6. A arquitetura é sempre uma instauração no seu tempo, tal como disse Mie van der Rohe sobre a sua obra – *que se limitou a representar o seu tempo* (o que talvez seja algo muito complexo). Mas ao dizê-lo queria dizer aquilo que era um determinado grupo ou comunidade numa época. Pertencemos a um Tempo que nos identifica, marca e caracteriza socialmente e culturalmente. Somos tempo, de um tempo e num tempo. Mas entre as permanências e constantes.

Mas temos uma certa dificuldade em continuamente estar no nosso tempo. O tempo voa e a contemporaneidade esvai-se. Já dizia outro poeta *“mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser muda-se a confiança; todo o mundo é composto de mudança”*, e o tempo foge. Mas o Poeta disse-o num contexto cultural que permanece estruturalmente semelhante 500 anos depois e numa linguagem com 2000 anos. Alguém do seu tempo vai estar sempre obsoleto como o coelhinho da Alice – entre a permanência e a mudança – a correr atrás do seu tempo, exclamando *“estou atrasado”*. Existe até quem corra atrás do sempre novo, largando o de ontem e abraçando o novo de hoje ou até a expectativa do novo do futuro, correndo ansiosamente por estar sempre no seu novo tempo. E desde as pintu-

ras rupestres que nos representamos a correr, primeiramente atrás da caça e agora atrás do tempo que se escoia num relógio. O tempo é aparentemente linear não volta para trás, senão na história. As O tempo é a idade - nossa e da nossa civilização - constituída de mudança e permanência, perenidade e a história. Desde a Pré-história, uma sucessão de eras até aquilo que hoje temos dificuldade em nomear, senão fugazmente por Contemporaneidade. Certos que as gerações que virão terão que encontrar outra denominação para o seu tempo.

Tive a sorte de fazer um trabalho com o pintor Álvaro Lapa (estação de metro de Odivelas). Na primeira vez disse-lhe quanto estava honrado na colaboração com um artista tão consagrado e que tanto admirava. Respondeu-me *“o que importa não é o que os críticos dizem de nós, mas a revisão que venha a ser feita pela história”*.